



Ensino de Sociologia em Debate

Revista Eletrônica: LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL

TÍTULO: UM OLHAR PARA A CULTURA: A APROPRIAÇÃO NOS DIAS DE HOJE

AUTOR: GUILHERME CARDOSO DE MORAES
CONTATO: gcdmoraes@gmail.com

OBJETIVO GERAL: Apresentar algumas concepções de cultura caras à antropologia e discutir, a partir daí a ideia de apropriação cultural para apresentar aos alunos arcabouço teórico para refletir criticamente sobre a complexidade da temática da apropriação cultural que vem ganhando projeção nas redes sociais e nas grandes mídias.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Pretende-se:

- a) Apresentar os conceitos de cultura a partir de importantes antropólogos como Margaret Mead, Ruth Bennedict e Clifford Geertz.
- b) Debater a ideia de apropriação cultural a partir de casos recentes que ganharam notoriedade nos jornais e mídias digitais.
- c) Com isso, espera-se oferecer um arcabouço teórico que permita ao aluno olhar para a cultura de modo geral e para as relações sociais de modo mais acurado e sensível às complexidades que o tema exige.

1. PRÁTICA SOCIAL INICIAL DO CONTEÚDO:

1.1 CONTEÚDOS ESPECÍFICOS A SEREM TRABALHADOS DURANTE A AULA:

- a) Apresentar a antropologia, a cultura como seu objeto precípua e sua relevância para a desnaturalização de práticas comuns em nosso cotidiano;
- b) Apresentar algumas possibilidades para o conceito de cultura
- c) Debater a ideia de apropriação cultural a partir de casos recentes que deram destaque ao tema nas mídias, especialmente digitais.

1.2 VIVÊNCIA COTIDIANA DOS ALUNOS

a) O que os alunos já sabem sobre o conteúdo?

O que é cultura?

É preciso ter dinheiro para ter cultura?

Quem tem cultura?

O que é apropriação cultural?

b) O que os alunos gostariam de saber a mais?

O que é a antropologia?

O que a antropologia em particular, e as ciências sociais em geral, tem a dizer sobre a cultura?

Qual a relevância de pensar a cultura para o meu cotidiano?

Iniciar-se-á a aula apresentando a antropologia e a cultura como seu objeto precípua, em seguida, introduzir-se-á o tema específico da aula, a saber, a ideia de cultura, através de questões como: a) o que é cultura? b) é preciso ter dinheiro para ter cultura? c) eu e vocês temos cultura? Buscar-se-á assim tanto sondar o conhecimento prévio dos discentes, quanto oferecer exemplos práticos que aproximem a temática da vida cotidiana dos alunos.

2. PROBLEMATIZAÇÃO:

Essa aula mobilizará sobretudo a escola americana de antropologia, fortemente influenciada por Franz Boas, embora, propositadamente, Boas não será tão mobilizado diretamente, mas a partir de suas herdeiras intelectuais Benedict e Mead. Através das autoras pretende-se apresentar a ideia de cultura como “lentes” que nos permite ler o mundo. A ideia não é original das autoras, mas foram elas duas grandes responsáveis pela sua difusão. A ideia de lente nos permite compreender a cultura como um enquadramento inescapável do olhar e nos permite compreender a cultura desvinculada da “cultura erudita” pois, se a cultura está no olhar de todos, sua posse não é privilégio de nenhum.

Na sequência, será apresentada a ideia de Geertz, antropólogo norte americano fundador da antropologia simbólica. O autor por meio do seu conceito de cultura como uma teia de significados tecidos coletivamente nos abre um leque enorme de possibilidades para a compreensão do ‘emaranhado’ ou da complexa tessitura de significados que é a cultura, e aponta ainda para a relação de agência e agenciamento, de estrutura estruturante.

Partindo desse referencial teórico, pretende-se ser capaz de discutir com os alunos temas caros ao nosso tempo, a saber, o debate sobre apropriação cultural que vem ganhando notoriedade e mobilizando debates nas redes sociais e nas grandes mídias. Para tanto, usar-se-á casos recentes publicados em jornais e que repercutiram bastante nas redes sociais. Espera-se assim não oferecer respostas prontas e bem acabadas para o tema, mas expor a complexidade da questão e oferecer algum embasamento teórico para uma análise crítica da realidade.

2.1 DISCUSSÃO SOBRE OS PROBLEMAS MAIS SIGNIFICATIVOS:

O que é cultura?

Há apenas uma forma de entender/ definir a cultura?

Há apenas uma cultura ou várias?

2.2 DIMENSÕES DO CONTEÚDO A SEREM TRABALHADAS NA AULA:

DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA: Dependendo da forma como entendemos a cultura, valoramos e nos relacionamos de maneira distinta com práticas cotidianas, com símbolos, significados e costumes do nosso dia a dia e podemos, a partir de uma abordagem antropológica, tomar conhecimento da multiplicidade de possibilidades de interpretação para um mesmo dado, partindo de diferentes “lentes” culturais. Com isso, pretende-se desconstruir, relativizar ou flexibilizar algumas ideias caras a nossa sociedade, entendendo-a dentro das especificidades da nossa forma de vida.

DIMENSÃO POLÍTICA: A relação que se estabelece com a diferença, com as culturas distintas, pode ser entendida a partir das relações de poder. Valorar uma forma de vida, um símbolo ou significado pode servir para conhecer ou dominar e esse é um aspecto essencialmente político.

3. INSTRUMENTALIZAÇÃO

3.1 AÇÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS:

A aula se iniciará com uma breve apresentação da antropologia como campo do conhecimento ligado às ciências sociais dotada de especificidades. Em seguida, lançar-se-á questões como: o que é cultura? Quem tem cultura? Há relação entre ter dinheiro e ter cultura? Algum povo não tem cultura? Apresentar-se-á na sequência algumas abordagens e definições de cultura que são caras ao pensamento antropológico, partindo de Mead, Benedict e Geertz.

Por fim, com o intuito de fixar o conteúdo e mostrar como ele pode ser útil para pensar situações cotidianas, objetiva-se problematizar os casos recentes de “apropriação cultural” que ganharam a mídia e as redes sociais recentemente para, junto dos alunos discutir o tema. Na sequência, entregar-se-á o texto didático que auxiliará os alunos na resposta da questão já contida nesse material entregue aos alunos. Durante toda a aula, pretende-se fazer uso de material digital para auxiliar na apresentação oral.

3.2 RECURSOS HUMANOS E MATERIAIS: Uso de slides e projetor ou TV pendrive.

4. CATARSE:

O material didático conterà ao final duas questões inspiradas nas manchetes de jornais de casos envolvendo “apropriação cultural” e no texto didático. O quadro de questões foi chamado de “E eu com isso?”, que é uma pergunta comumente feita pelos alunos ao serem apresentados a um novo conteúdo disciplinar. Essa pergunta não deve ser ignorada, pois revela a necessidade de estabelecer vínculos claros, para o discente, entre a sua vida cotidiana e o conteúdo aprendido na aula, exatamente o que a aula e as questões buscam fazer. Nas questões, espera-se que os alunos dissertem e sejam capazes de desenvolver reflexões críticas entorno das provocações do tema, além de argumentos explicativos em relação o conteúdo, assumindo posição no debate, manifestando suas preferências e sendo capaz de justificá-las.

4.1 SÍNTESE: Espera-se que ao final da aula os alunos compreendam a cultura como algo construído socialmente, fluido e flexível e sejam capazes de analisar criticamente casos concretos do seu cotidiano à luz do pensamento antropológico.

4.2 EXPRESSÃO DA SÍNTESE: Apresentar-se-á slides com manchetes de jornais que servem de “provocação” teórica para os alunos, instigando-os a se posicionar e analisar à luz da antropologia os casos apresentados.

5. PRÁTICA SOCIAL FINAL

5.1 NOVA POSTURA PRÁTICA: Espera-se que ao final o aluno possua clareza em relação à antropologia enquanto campo do saber e de seu objeto principal, a saber, a cultura, entendendo-a como algo do qual todos são dotados. Além de desenvolver a capacidade de analisar criticamente a própria cultura da sociedade onde estamos inseridos, estando aptos a desconstruir e ressignificar práticas opressivas (como valorização de outras formas de viver) e tomar posição em debates caros aos nossos dias, como a ideia de “apropriação cultural”

REFERÊNCIAS:

GASPARIN, João Luiz. *Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica*. 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GEERTZ. *A Interpretação das Culturas*. São Paulo: LTC, 2003.

MACHADO, AMORIN, BARROS. *Sociologia Hoje*. São Paulo, Ática, 2014.

ANEXO: TEXTO DIDÁTICO

Contingência e cultura: um olhar para nós mesmos

Guilherme Cardoso de Moraes

Todos os dias acordamos cedo com o despertador tocando, rolamos na cama até não poder mais, nos levantamos e vamos até o banheiro onde escovamos os dentes, usamos o vaso sanitário se necessário, alguns tomam banho logo que acordam, outros pulam essa etapa e logo vão se trocar. Saímos de casa e as vezes percorremos longas distâncias até nosso trabalho ou até nossa escola. No almoço nos servimos do tradicional arroz com feijão, por fim, aquele cafezinho para revigorar a volta para as atividades diárias. Esse poderia ser o relato do diário de muitos de nós que, diariamente, realizamos um número enorme de atividades no “modo automático”, assim, naturalizamos o horário

em que tomamos banho, a forma e o propósito com que nos lavamos, naturalizamos nossos hábitos alimentares, nosso “bom dia” para o porteiro do prédio, para o motorista do ônibus etc. Pensar antropológicamente é aceitar, por um instante que seja, o desafio de suspender todos os juízos e naturalizações sobre esses costumes e práticas diárias e nos pormos a pensar criticamente sobre eles.

Quando olhamos para alguns estudos antropológicos não demoramos a perceber que pouco ou nada é absolutamente “natural” em nosso dia a dia. Na verdade, a maior parte de nossas práticas é resultado de um processo contínuo de socialização, criação e significação e, no passo seguinte, podemos nos dar conta de que tudo poderia ser muito diferente do que é. Poderíamos acordar espontaneamente com o nascer do sol, sair com nosso clã para coletar alimentos, pegar somente aquilo que será consumido na próxima refeição, sem acumular nada. Recolher apenas a parte que vou me alimentar de uma raiz encontrada e replantar o restante, voltar para minha morada e cozinhar o que encontrei. Essa não é nossa rotina, mas é a de alguns *Khoikhoi* que vivem no deserto do Kalahari em Botswana, sul da África.

Ao nos darmos conta de que boa parte do que fazemos são resultados de construções sociais, algumas coisas podem ser desconstruídas, ressignificadas, reinterpretadas ou, ao menos melhor entendida se nos perguntarmos: porque vivemos como vivemos? Clifford Geertz (1926-2006) formula o problema da seguinte maneira: “Um dos fatos mais significativos a nosso respeito [os humanos] pode ser, finalmente, que todos nós começamos com equipamento natural para viver milhares de espécies de vidas, mas terminamos por viver apenas uma [...]” (2003, p.57). E acrescentou, entender essa “uma” sendo a chave da antropologia.

A antropologia é a área do conhecimento que se dedica ao estudo desse conjunto de significados, sentidos, símbolos, costumes etc. que compõem um tecido ou, como chamou Geertz, uma teia de significados entrelaçados que denominamos Cultura. A cultura é o objeto de estudos precípua da antropologia, que pode estudar tanto culturas muito diferentes e que vivem muito longe de nós, como os *Khoikhoi* do Kalahari, ou nossa própria cultura. O trabalho do antropólogo é o de tentar traduzir para os nossos significados os significados de outros grupos.

A cultura então é para alguns antropólogos um dado inescapável, seja dos outros ou do nosso próprio olhar. A cultura é o enquadramento que damos ao mundo, ou na metáfora que ficou famosa por Ruth Benedict (1887-1947) e Margaret Mead (1901-1978),

Curiosidades

Vida e obra dos autores

Clifford Geertz (1926-2006)

Nascido nos E.U.A., doutorou-se na Universidade de Harvard em 1956. Lecionou em Chicago e Princeton. Um dos antropólogos mais influentes do século XX, defendeu uma perspectiva cultural da Antropologia, inspirada no trabalho de Franz Boas. Fez trabalho de campo em Bali e no Marrocos. Considerado um dos fundadores da antropologia simbólica. Seus escritos influenciaram vários campos das Ciências Sociais.

Margaret Mead (1901-1978)

Nascida nos E.U.A, doutorou-se em 1929 pela Universidade de Columbia, onde foi aluna de Franz Boas e Ruth Benedict. Desenvolveu trabalhos sobre populações na ilha de Samoa. Destacou-se também como importante ativista feminista.

Ruth Benedict (1887-1947)

Nascida nos E.U.A, doutorou-se na Universidade de Columbia sob orientação de Franz Boas, em 1923. Foi professora da mesma universidade até sua morte. Sua principal obra *O crisântemo e a espada* (1946) é considerada um dos clássicos da antropologia até hoje.

a cultura são as lentes dos óculos que olhamos o mundo. Desse modo, a cultura ao mesmo tempo que limita nosso campo de visão é o que nos permite enxergar o mundo para interpreta-lo, assim, não podemos ver o mundo sem as lentes de alguma cultura.

Tanto Geertz, quando Benedict e Mead parecem concordar que a cultura é determinante e condicionante da forma como vivemos e olhamos o mundo. Seria muito estranho para nós plantar colares de missangas no solo em agradecimento ao alimento que dali extraímos, assim como pode parecer estranho para um *Khoikhoia* ideia de trabalhar durante um mês inteiro por um salário. Desse modo, a cultura nos permite ver o mundo, ao mesmo tempo que nos diz como veremos. Por outro lado, a cultura é, segundo Geertz uma teia de significados que nós tecemos coletivamente, isso é, um conjunto de sentidos atribuídos por nós, e nesse sentido passível de ser transformada. A cultura é assim ao mesmo tempo aquilo que nos Estrutura socialmente, como aquilo que é por nós estruturada, e nesse sentido podemos falar de uma Estrutura estruturada e estruturante.

Recentemente a cultura vem ganhando notoriedade nas redes sociais e estampando muitos jornais no Brasil e no mundo, sobretudo pelo debate suscitado pela ideia de *apropriação cultural*. O termo apropriação cultural vem sendo utilizada para designar o uso indevido ou descontextualizado de elementos de outra cultura. Recentemente, a cantora Anitta¹ e a

¹ Ver: <http://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2017/02/anitta-muda-visual-e-e-acusada-de-apropriacao-cultural.shtml>

atriz Isabella Santoni² viraram manchetes e foram por muitos criticadas pelo uso de tranças afro no cabelo, o uso de turbante por uma estudante branca em São Paulo também rendeu longos debates nas redes sociais³. Para muitos, o uso das tranças e do turbante nesses casos não estava de acordo com os significados “originais”, nesse caso, a acusação era de um uso estético de penteados e adereços identificados pelas mulheres negras como símbolos de luta por reconhecimento.

Todavia, quando olhamos a nossa volta, é provável que poucas coisas ao nosso redor tenha uma origem cultural genuína. O futebol é um dos esportes mais praticados no mundo e identificado como parte do patrimônio cultural do brasileiro, embora sua origem seja sabidamente inglesa. O samba, ritmo característico do Brasil e de origem controversa, embora tenha forte influência do batuque africano, foi acrescido do cavaquinho português, do violão, que muitos defendem que sua origem é árabe, e do pandeiro, instrumento inspirado nas pandeiras cuja origem histórica é disputada entre aqueles que dizem pertencer a muçulmanos árabes ou aqueles que argumentam que sua origem é indiana.

Essas observações não conduzem a respostas prontas ou fáceis, ao contrário, nos apresentam um cenário em constante disputa e um debate que continua borbulhando, se não há até aqui respostas bem-acabadas e definidas, certamente muitas dúvidas e questionamentos podem ser levantados, entre eles: Quando uma manifestação cultural pode ser considerada própria de um grupo? Quando usar elementos tradicionais de outro grupo é um desrespeito? Quando é uma manifestação de apoio? Quando é um gesto desinteressado, sem conotações políticas? Faz diferença se esse grupo luta por inclusão? É purismo cultural? Tentar responder essas difíceis questões, certamente é um grande desafio do nosso tempo e, nesse sentido, a antropologia pode ser uma aliada.

REFERÊNCIAS

GEERTZ. *A Interpretação das Culturas*. São Paulo: LTC, 2003.

MACHADO, AMORIN, BARROS. *Sociologia Hoje*. São Paulo, Ática, 2014.

ANEXO: ATIVIDADE:

Acesso em: 12 de agosto de 2017.

² Ver: <http://meuestilo.r7.com/beleza/isabella-santoni-faz-trancas-no-cabelo-e-e-acusada-de-apropriacao-cultural-19072017> Acesso em: 12 de agosto de 2017.

³ Ver: <https://extra.globo.com/noticias/viral/criticada-por-apropriacao-cultural-ao-usar-turbante-jovem-com-cancer-rebate-uso-que-quer-20912104.html> Acesso em: 12 de agosto de 2017.

“E eu com isso??!”

Com base no que discutimos em sala e com o auxílio do texto didático, responda:

A) Dentro do seu cotidiano, há algo que você faz cuja origem é associada a outra sociedade ou cultura? Se sim, o que?

B) O debate sobre apropriação cultural vem ganhando destaque nas redes sociais e estampando jornais no Brasil e no mundo. Com base nos casos apresentados e no seu conhecimento sobre o tema, discorra buscando posicionar-se e justificar sua posição.